



*A quem impacta
o fator de impacto?*



Escolas, prisões, centros comunitários, autarquias, empresas, hospitais e centros de saúde – aí está a larga maioria dos psicólogos que as universidades têm formado ao longo de quase meio século. Não seria a eles que deveria servir uma revista publicada por uma associação profissional?

Quando, em 1980, entrei para a faculdade para frequentar o curso de psicologia, nascia também a revista *Psicologia*, órgão da Associação Portuguesa de Psicologia. Lembro-me bem dos primeiros números, com capas cuidadas artisticamente e as suas páginas preenchidas por aqueles que eram na altura os nomes de referência para uma comunidade científica ainda reduzida – pois, a conclusão de um curso em Lisboa, a formação de psicólogos só se daria alguns anos depois da revolução de abril.

Passaram-se 40 anos – e o que vejo eu no *website* da revista? Cito: "Notícia importante sobre política de submissões. Para dar continuidade ao processo de internacionalização e aumento do fator de impacto da Revista *Psicologia*, a atual Direção decidiu estabelecer um processo de evolução gradual das submissões, atualmente realizadas maioritariamente em língua portuguesa, para submissões exclusivamente em língua inglesa. Esta decisão da atual Direção da Revista *Psicologia* prende-se com a necessidade que esta publicação científica possui de poder mostrar-se competitiva no mercado internacional, nomeadamente, pelo aumento do número de citações dos artigos que nela são publicados. Este aumento de citações vai beneficiar não só o fator de impacto da revista, como reverte diretamente para o(s) autor(es) e para a notoriedade das suas publicações e do trabalho científico.

Estamos certos de que compreenderão esta decisão da Direção da Revista *Psicologia* que contribui para aumentar a visibilidade das nossas publicações e ajuda os próprios autores e a difusão do seu trabalho científico. Aguardamos as vossas submissões."

Psicologia para quem? É, com certeza, um sinal dos tempos. Os tempos dos tempos servem ao exercício de analisarmos criticamente o estado das mudanças. Quando não o fazemos, acontecem coisas que nos dizem que os comboios estão ultrapassados e desativamos os trilhos férreos (anos 80) e, passados trinta anos, propagamos o erro de que é preciso apostar na ferrovia...

A pergunta a fazer é a de saber a quem serve uma revista científica. Tomemos o exemplo da revista *Psicologia*. A comunidade científica profissional dos psicólogos, quase toda no interior das universidades? Não. Essa já publica em inglês e tem uma grande quantidade de órgãos científicos para onde enviar os seus escritos. Em Portugal cerca de 24 mil psicólogos. A imensa maioria

não é cientista, em sentido estrito, não trabalha em centros de investigação, não é estudante de doutoramento. Escolas, prisões, centros comunitários, autarquias, empresas, hospitais e centros de saúde, clínica privada – aí sim, está a larga maioria daqueles que as universidades têm formado ao longo deste quase meio século. Não seria a eles que deveria querer servir uma revista publicada por uma associação profissional? Não deveriam ser estes muitos, que estão fora do sistema científico em sentido estrito, mas que são especialistas de um saber altamente diferenciado e seus aplicadores no quotidiano das instituições, não deveriam ser também estes a tomar a palavra e a publicar? Não teriam os profissionais da investigação a ganhar com isso, desde logo aproximando as suas agendas temáticas das necessidades concretas que os escritos dos colegas trariam à luz?

O verdadeiro fator de impacto seria aquele que, em vez de medir métricas de publicação e de autorias, em vez de fazer *rankings* de revistas, trouxesse conhecimento acrescido às nossas comunidades e à vida de cada um de nós.

Uma boa questão seria saber quantos dos psicólogos que trabalham nos múltiplos contextos da vida em sociedade utilizam os famosos *papers* que nós, os do sistema científico profissional, nos afadigamos a tentar publicar em revistas com o maior fator de impacto possível. E, já agora, saber quantos dos que recebem maior número de citações são alguma vez citados pelos colegas na resolução dos seus problemas práticos de trabalho e/ou na formação contínua de que todos necessitamos. Isto ajudaria a medir um outro fator de impacto: o das universidades na comunidade dos profissionais que formam e, por extensão da prática profissional destes, a todos quantos beneficiam dos serviços da psicologia. A quem impacta, pois, o fator de impacto? O comunicado da direção da revista é claro: à própria revista, aumentando-lhe a visibilidade; aos autores, *idem*. Em nome de quê? Da competitividade. Competitividade em que espaço concorrencial? Quem são os seus beneficiários? Os detentores dos meios de produção? Os consumidores? Outros agentes? Quais?

Estas interrogações exigiriam muito mais espaço do que o de uma crónica. Por agora fico-me pela auto-confissão: durante muitos anos, sendo investigador, acreditei-me a cumprir uma missão; hoje, tenho receio de ser apenas um agente neste mercado tão competitivo.